

HISTÓRIA E EMANCIPAÇÃO NO MARX TARDÍO (1871 – 1883)

Pedro Leão da Costa Neto*

Universidade Tuiúti do Paraná (UTP)

Resumo: O presente artigo representa uma tentativa de problematizar a concepção de História e Emancipação Humana presente no último período da produção teórica de Marx, que aqui nomearemos de Marx Tardio (1871-1883) – período que se inicia com a derrota da Comuna de Paris e se estende até a morte de Marx. Esta produção, constituída de pequenos artigos, notas de leitura e uma importante correspondência, se caracteriza, na sua grande maioria, por escritos que permaneceram inéditos durante a vida do autor e que foram publicados apenas postumamente; destaca-se por um particular interesse pelos destinos do movimento operário, pelas análises das sociedades pré-capitalistas e a questão de uma eventual pluralidade das vias históricas de desenvolvimento. A análise destes textos permite reconstruir a imagem de um Marx crítico antecipado de diferentes leituras fatalistas e evolucionistas da sua obra.

Palavras-Chave: Karl Marx, Marx Tardio, Teoria da História, Emancipação Humana Sociedades Pré-Capitalistas

Abstract: The present article represents an attempt to problematize the conception of History and Human Emancipation present in the last period of the theoretical production of Marx, that we will name here of Late Marx (1871-1883) - period that begins with the defeat of the Paris Commune and extends to the death of Marx. This production, consisting of small articles, excerpt notebooks and an important correspondence, is characterized, for the most part, by writings that remained unpublished during the life of the author and which were only published posthumously; it stands out because of a particular interest in the destinies of the labour movement, in the analyzes of pre-capitalist societies, and in the question of a possible plurality of historical development paths. The analysis of these texts allows us to reconstruct the image of a critical Marx anticipated of different fatalistic and evolutionary readings of his work.

Keywords: Karl Marx, Late Marx, Theory of History, Human Emancipation, Pre-Capitalist Societies

O objetivo do presente artigo é oferecer algumas indicações da eventual existência de duas diferentes concepções de História e Emancipação humana no interior da obra de Marx. Identificamos estas duas concepções com dois distintos períodos: o primeiro entre 1845 – 1857/1867 (entre a redação de *A Ideologia Alemã*, passando pelos *Grundrisse*, até a primeira edição de *O Capital*) e o segundo entre

* Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná e do Curso de História da UTP. Doutor em Filosofia pela Universidade de Varsóvia.

1871 – 1883, que chamaremos de Marx Tardío⁴ – período que se inicia com a derrota da Comuna de Paris e se estende até a morte de Marx.

1. A DIALÉTICA ENTRE FORÇAS PRODUTIVAS E RELAÇÕES DE PRODUÇÃO E A EMANCIPAÇÃO HUMANA.

Momento 1: *A burguesia desempenhou na História um papel eminentemente revolucionário* (1845 – 1857/1867)

Desde a sua gênese, a problemática da Emancipação na concepção materialista da história esteve associada à problemática do pleno desenvolvimento das forças produtivas, como fator decisivo do progresso histórico e condição necessária para a revolução social. Em uma passagem clássica de *A Ideologia Alemã*, Marx e Engels já delineavam, claramente, esta ideia:

Esse “*estranhamento*” (*Entfremdung*) para nos expressarmos em termos compreensíveis aos filósofos, só pode ser supra-sumido caso se parta de duas premissas *práticas*. A fim de que se converta em um poder “insuportável”, quer dizer, em um poder contra o qual se revoluciona, é necessário que engendre uma massa da humanidade como absolutamente “sem posses” e, ao mesmo tempo, em contradição com um mundo de riquezas e de educação existente, o que pressupõe, em ambos os casos, um grande incremento da força produtiva, um alto grau de seu desenvolvimento... E por outro lado, esse desenvolvimento das forças de produção (com o qual já está dada, ao mesmo tempo, uma existência empírica disponível em um plano *histórico-universal*, e não na existência puramente local dos homens) constitui, também, uma premissa prática absolutamente necessária, porque sem ela apenas a *escassez* se generalizaria e, portanto, com a *precariedade*, começaria de novo a luta pelo indispensável, e toda a velha merda anterior viria a se estabelecer.⁵ (MARX & ENGELS, 2007, 57-58)

Esta mesma ideia aparecerá ainda em diferentes passagens dessa mesma obra:

Enquanto as forças de produção não estejam ainda suficientemente desenvolvidas para tornar supérflua a concorrência [...] as classes dominadas se propõem ao impossível caso tivessem a “vontade” de abolir a concorrência e com ela o Estado e a lei. Ademais, antes que as

⁴ Para uma caracterização geral deste período teórico da obra de Marx, de seus aspectos teóricos e políticos, e de sua eventual particularidade, tomamos a liberdade de remeter a um nosso artigo (DA COSTA NETO, 2003, 80 – 95). Para as dificuldades que oferecem a análise dos textos políticos deste período (HOLÓWKA, 1985, 129-139)

⁵ Marcelo Backes, o autor da tradução brasileira, opta por traduzir o conceito *Entfremdung* por *estranhamento*, como sabemos, outros preferem utilizar o conceito *alienação* – como o autor do presente texto. Para evitarmos eventuais confusões mantivemos a tradução original. É importante, aqui, lembrar que esta passagem foi utilizada, em diferentes ocasiões, para argumentar que a Rússia em 1917 não preenchia as condições necessárias para a realização de uma Revolução Socialista. (SCHAFF, 1983, 49ss; LIEHM, 1974, 77, 113-114).

relações que têm de produzi-la alcancem o desenvolvimento necessário, essa “vontade” apenas nasce na imaginação do ideólogo. (MARX & ENGELS, 2007, 370).

E, no mesmo sentido:

(...) A propriedade privada é uma forma de intercâmbio que corresponde necessariamente a certas fases de desenvolvimento das forças de produção, que não pode ser descartada nem prescindida para passar à produção direta da vida material, enquanto não se hajam criado forças de produção para as quais a propriedade privada represente um obstáculo e um freio. (MARX & ENGELS, 2007, 399).

Como sabemos, Marx e Engels retornaram, em diferentes momentos e em passagens decisivas de suas obras, a esta concepção da dialética de identidade e contradição entre forças produtivas e relações de produção como o princípio dinâmico do processo histórico, bem como da relação indissociável entre desenvolvimento das forças produtivas e Emancipação humana.⁶

No *Manifesto Comunista*, em particular em sua primeira parte, “Burgueses e Proletários”, Marx e Engels traçam, em linhas gerais, de uma forma entusiástica, uma síntese do desenvolvimento histórico da sociedade burguesa, desde o seu início, com a dissolução do mundo feudal, passando pela criação da grande indústria, pela constituição do mercado mundial até chegar ao momento de seu ocaso, representado pela formação do proletariado. Processo este concebido como sendo inevitável:

O progresso da indústria, de que a burguesia é agente passivo e involuntário, substitui o isolamento dos operários, resultante da competição, por sua união revolucionária resultante da associação. Assim, o desenvolvimento da grande indústria retira dos pés da burguesia a própria bases sobre a qual ela assentou o seu regime de produção e de apropriação dos produtos. A burguesia produz, sobretudo, seus próprios coveiros. Seu declínio e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis. (MARX & ENGELS, 1988, 51)

É no interior desta concepção de história, que acabamos de descrever, que devem ser compreendidas as diferentes posições tomadas por Marx e Engels, no final dos anos 1840 e início da década de 1850, sobre o caráter eminentemente progressivo e civilizatório da expansão colonial nos diversos continentes. As análises mais articuladas e sistemáticas sobre a expansão colonialista, que podemos encontrar nas obras de Marx e Engels desses anos, são os importantes artigos de Marx e a correspondência entre Engels e Marx sobre a colonização inglesa na Índia.

Marx destaca que a Inglaterra, ao lado de sua missão destrutiva, desempenhou igualmente uma missão regeneradora, cabendo a ela lançar as bases materiais da

⁶ Como sabemos, a elaboração canônica desta ideia encontra-se desenvolvida no Prefácio de 1859 a *Para a Crítica da Economia Política* (MARX, 1974, 135-136).

sociedade ocidental na Ásia. Após retomar a análise dos efeitos devastadores e aterrorizadores da introdução da indústria inglesa na Índia, Marx afirma que estes efeitos são os resultados orgânicos e indissociáveis do desenvolvimento do Modo de Produção Capitalista e concluí afirmando:

O período burguês da história está chamado a lançar as bases materiais de um mundo novo; a desenvolver, por um lado, o intercâmbio universal, baseado na dependência mútua do gênero humano, e os meios para realizar esse intercâmbio; e, por outro lado, desenvolver as forças produtivas dos homens e transformar a produção científica em um domínio sobre as forças da natureza. A indústria e o comércio vão criando essas condições de um mundo novo do mesmo modo como as revoluções geológicas criaram a superfície da Terra. E só quando uma grande revolução social se apropriar das conquistas da época burguesa, o mercado mundial e as modernas forças produtivas, submetendo-as ao controle comum dos povos mais avançados, só então o progresso humano deixará de parecer a esse terrível ídolo pagão que só queria beber o néctar no crânio do sacrificado. (MARX, 1980, 511-512)

Apenas alguns anos depois, no interior de uma conjuntura marcada por uma crise econômica (1856-1858) e pela expectativa da vitória iminente da revolução, nos deparamos com uma outra série de escritos históricos onde essa concepção teleológica está igualmente presente. Talvez seja no emblemático discurso pronunciado por Marx em 1856, no aniversário do jornal cartista *People's Paper*, onde essas ideias estão expostas de maneira mais clara e expressiva:

Hoje em dia, tudo parece levar em seu seio sua própria contradição. Observamos que as máquinas, dotadas de maravilhosas propriedades de reduzir e tornar mais frutíferos o trabalho humano, provocam a fome e o esgotamento do trabalhador. As fontes de riqueza recém-descobertas se convertem, por obra de uma estranha magia, em fonte de privações. Os triunfos da técnica parecem ter sido adquiridos à custa das qualidades morais. O domínio do homem sobre a natureza é cada vez maior; porém, ao mesmo tempo, o homem se converte em escravo de outros homens ou de sua própria infâmia. Até a pura luz da ciência parece não poder brilhar mais que sobre o fundo tenebroso da ignorância. Todos nossos inventos e nosso progresso parecem dotar de vida intelectual as forças materiais, enquanto reduzem a vida humana ao nível de uma força material bruta. Este antagonismo entre a indústria moderna e a ciência, por um lado, e a miséria e a decadência, por outro; este antagonismo entre as forças produtivas e as relações sociais de nossa época é um fato palpável, irresistível e incontroverso. Alguns partidos podem lamentar este fato; outros podem querer desfazer-se dos progressos modernos da técnica de forma a se verem livres dos conflitos atuais; outros podem imaginar que este notável progresso industrial deve complementar-se com uma regressão política igualmente notável. Pelo que se refere a nós, não nos enganamos a respeito da natureza deste espírito maligno que se manifesta constantemente em todas as contradições que acabamos de assinalar. Sabemos que para fazer funcionar as novas forças da sociedade se necessita unicamente que

estas passem para as mãos de novos homens, e que tais novos homens são os operários. (MARX, 1980, 514).

Em diferentes escritos posteriores como os *Grundrisse* (MARX, 1980), o já citado Prefácio de 1859 (MARX, 1974) e também em diferentes passagens de *O Capital*, Marx reafirma e desenvolve diferentes aspectos desta concepção que estamos analisando.

Outro aspecto, importante, que fica manifesto em muitos dos textos, até aqui citados, é a concepção – relativamente – homogênea do desenvolvimento histórico, ou seja, que os países menos desenvolvidos tenderiam a repetir o caminho trilhado pelo mais desenvolvido:

Na verdade, não se trata do grau maior ou menor de desenvolvimento dos antagonismos sociais decorrentes das leis naturais da produção capitalista. Trata-se dessas próprias leis, dessas tendências que atuam e se impõem com férrea necessidade. O país industrialmente mais desenvolvido não faz mais do que mostrar ao menos desenvolvido a imagem de seu próprio futuro. (MARX, 2013, 78)

Antes de passarmos a um outro grupo de textos de Marx, vejamos como Marx trata, no Capítulo XXIV, “A Assim chamada Acumulação Primitiva”, alguns desses problemas:

Na história da acumulação primitiva, o que faz época são todos os revolucionamentos que servem de alavanca à classe capitalista em formação, mas, acima de tudo, os momentos em que grandes massas humanas são despojadas súbita e violentamente de seus meios de subsistência e lançadas no mercado de trabalho como proletários absolutamente livres. A expropriação da terra que antes pertencia ao produtor rural, ao camponês, constitui a base de todo o processo. Sua história assume tonalidades distintas nos diversos países e percorre as várias fases em sucessão diversa e em diferentes épocas históricas. Apenas na Inglaterra, e por isso tomamos esse país como exemplo, tal expropriação se apresenta em sua forma clássica. (MARX, 2013, 787-788).

Entretanto, na tradução francesa de 1875, no Capítulo XXIV, no final do item “O segredo da Acumulação Primitiva”, Marx introduz uma modificação na redação do final deste mesmo parágrafo, relativizando o seu caráter fatalista:

[Na edição francesa, no lugar das três últimas frases, lê-se:] Essa expropriação só se realizou de maneira radical na Inglaterra: por isso, esse país desempenhará o papel principal em nosso esboço. Mas todos os outros países da Europa ocidental percorreram o mesmo caminho, ainda que, segundo o meio, ele mude de coloração local, ou se restrinja a um círculo mais estreito, ou apresente um caráter menos pronunciado, ou siga uma ordem de sucessão diferente”. [Karl Marx, *Le Capital*, cit., p. 315. (N. T.)] (MARX, 2013, 788).

Qual o significado desta mudança? O que teria levado Marx a reescrever esta passagem? É essa e outras questões que tentaremos responder na sequência.

Momento 2: *A história do capitalismo não é mais que uma história de antagonismos, de crises, de conflitos, de desastres.*

Antes de passarmos à análise dos escritos de Marx do período 1871 – 1883⁷, seria importante tecermos algumas considerações históricas, para melhor situá-los no interior da sua obra.

Os anos que antecederam ao nosso período foram marcados, por um lado, pelos sucessivos reveses e derrotas do movimento operário e revolucionário, pela derrota da revolução europeia em 1848 - 1849, pelos desdobramentos pacíficos da crise econômica de 1856-1858, na qual Marx e Engels depositavam grandes esperanças em um desenlace revolucionário, pela Guerra franco-prussiana, seguida da derrota da Comuna de Paris e do consecutivo massacre dos comunardos durante a semana sangrenta, pelas lutas internas na Associação Internacional dos Trabalhadores e a transferência de seu Conselho Geral para os EUA, pela sua sucessiva dissolução, e, por fim, pelos destinos tomados pelo movimento operário em alguns países do continente europeu. Por outro lado, os estudos etnográficos, a inesperada recepção de sua obra na Rússia, que será o primeiro país a traduzir e publicar *O Capital*⁸, indicam que Marx parece, gradualmente, distanciar-se tanto das suas observações de conteúdo muitas vezes apologético, sobre o caráter eminentemente revolucionário desempenhado pela burguesia e do progresso que representariam as diferentes aventuras coloniais, como da sua concepção da iminência de uma revolução (BASSO, 1983, 199-215; ROSDOLSKY, 1980, 188).

Ao contrário, Marx, agora, passará a acentuar o caráter violento do capitalismo e de suas aventuras coloniais, como também passará a ter uma análise mais positiva de formas de produção pré-capitalistas (KRADER, 1988). Em seus escritos da segunda metade da década de 1870 e início dos anos 1880, Marx se distancia claramente das

⁷ É importante destacar que o marxista japonês Tomonaga Tairako também se interrogou sobre a possibilidade da existência de uma ruptura teórica nos últimos anos de vida de Marx, a partir de uma análise sistemática de diferentes Cadernos de notas, em parte inéditos, dedicados à química agrária e geologia, às comunidades primitivas e questões antropológicas, ao colonialismo e, em particular, os extratos de leitura de 1868 dedicados à análise de George Ludwig von Maurer sobre as Instituições germânicas antigas (SASAKI e SAITO, 2013, 257). Outra análise que acentua a evolução da obra de Marx no período após a publicação da primeira edição de *O Capital* é a de Enrique Dussel, que ao lado do fracasso da Comuna de Paris e de uma sensibilidade ao problema camponês (anteriormente inexistente em suas obras), parece atribuir um papel decisivo aos contatos de Marx com os intelectuais russos, “*intelectuais da periferia*” (DUSSEL, 1990, 243 – 261). Acreditamos que essas interpretações são, em grande parte, complementares à que procuramos desenvolver neste artigo.

⁸ Um importante documento das relações entre Marx com os intelectuais e revolucionários russos, e dos trabalhos para a tradução de *O Capital*, nos é dado pela sua correspondência com Nikolái Danielson entre 1868 e 1883 (MARX, DANIELSON e ENGELS, 1981).

análises anteriores sobre a colonização da Índia. Agora, não mais a identificará como um progresso histórico, como também não mais julgará a dissolução da propriedade comunal – e a sua conseqüente substituição pela propriedade privada da terra – como um “progresso tão ansiado”, ou seja, uma verdadeira revolução social, como julgava em seus escritos sobre a Índia do início da década de 1850. Ao contrário, passará agora, por exemplo, a criticá-la contundentemente, como, por exemplo, no terceiro rascunho de sua Carta a Vera Zaslitch:

No tocante às Índias Orientais, por exemplo, todo o mundo, salvo Sir H. Maine e outros da mesma índole, sabe que ali (na Índia) a supressão da propriedade comum da terra não foi mais que um ato de vandalismo inglês, que empurrava a população autóctone não para a frente senão para atrás. (MARX & ENGELS, 1980, 48).⁹

São justamente os Rascunhos e a Carta a Vera Zaslitch, ao lado da sua Carta à Redação de *Otiechestviennie Zapiski*, os escritos mais decisivos, que apontam de uma maneira mais sistemática e com maiores conseqüências teórico-metodológicas as diferenças entre as duas distintas concepções históricas de Marx. Se referindo de maneira programática sobre o desenvolvimento capitalista, afirma enfaticamente no segundo rascunho de sua Carta a Vera Zaslitch: “a sua história não é mais que uma história de antagonismos, de crises, de conflitos, de desastres” (MARX & ENGELS, 1980, 48).

De maneira coerente com esta nova concepção, Marx passa a atribuir um papel claramente negativo à dissolução da Comuna rural russa e à introdução de relações sociais capitalistas na Rússia. Ao contrário, concebe agora como um equívoco a introdução do arrendamento capitalista da terra na Rússia:

A Rússia trataria em vão de sair do seu atoleiro através do arrendamento capitalista à inglesa contrária a todas as condições sociais do país. Os mesmos ingleses fizeram esforços semelhantes nas Índias Orientais; e só lograram mutilar a agricultura do país e redobrar o número e a intensidade da fome. (MARX & ENGELS, 1980, 56).

Nesse mesmo sentido, a dissolução da Comuna Rural não é mais concebida como uma fatalidade histórica. No segundo rascunho, Marx observa: “O que põem em perigo a vida da Comuna Rural Russa não é nenhuma fatalidade histórica, nem uma teoria: é a opressão pelo Estado e a sua exploração por capitalistas intrusos, tornados poderosos pelo mesmo Estado às custas dos camponeses.” (MARX & ENGELS, 1980, 51)

⁹ O historiador polonês Jaroslaw Bratkiewicz, se referindo às notas de leitura de Marx sobre o livro de Maxim Kovalevsky, afirma: “Marx agora chama os ingleses na Índia de ‘cachorros ingleses’, execra igualmente o cinismo da administração colonial, cujos atos de apropriação ilegal das terras dos hindus apresenta como manifestação do progresso e da caridade civilizatória”, (BRATKIEWICZ, 1989, 73) Sobre esta mesma questão, cf. (MARX & ENGELS, 1980, 52; WADA, 1990, 87)

No lugar do marasmo e da estagnação, Marx passou a identificar uma vitalidade própria nas comunidades de tipo arcaico, uma forma social que poderia representar uma resposta às crises capitalistas, representando um elemento regenerador e, portanto, a sua própria manutenção passa a ser considerada como um ponto de apoio para um desenvolvimento totalmente diverso: “Pode chegar a ser o ponto de partida direto do sistema econômico ao qual tende a sociedade moderna e de transformar a sua existência sem começar por se suicidar”. (MARX & ENGELS, 1980, 39) Como veremos, mais abaixo, Marx passa a atribuir um importante lugar, em sua análise, ao conceito de possibilidade histórica e à existência de diferentes alternativas de.

Agora, no lugar do pleno desenvolvimento das forças produtivas como condição da superação do Modo de Produção Capitalista, o autor de *O Capital* introduz, como um ponto importante para a sua análise, o conceito de contemporaneidade: “é precisamente graças à contemporaneidade da produção capitalista que existe a possibilidade de apropriar-se de todas as suas aquisições positivas, sem passar por suas peripécias (terríveis) espantosas.” (MARX & ENGELS, 1980, 32)

Por fim, no prefácio à segunda edição russa de *O Manifesto Comunista*, de 1882, Marx e Engels se interrogam sobre a própria possibilidade de uma Revolução Russa servir de sinal à revolução no Ocidente, e a comuna rural russa servir de ponto de partida para uma futura transformação comunista:

Mas na Rússia vemos que, ao lado do florescimento acelerado da velhacaria capitalista e da propriedade burguesa, que começa a desenvolver-se, mais da metade das terras é possuída em comum pelos camponeses. O problema agora é: poderia a *obshchina* russa – forma já muito deteriorada da propriedade comum da terra – transformar-se diretamente na propriedade comunista? Ou, ao contrário, deveria primeiramente passar pelo mesmo processo de dissolução que constitui a evolução histórica do Ocidente?

Hoje em dia, a única resposta possível é a seguinte: se a revolução russa constituir-se no sinal para a revolução proletária no Ocidente, de modo que uma complemente a outra, a atual propriedade comum da terra na Rússia poderá servir de ponto de partida para uma evolução comunista. (MARX & ENGELS, 1998, 73).

É, por fim, importante interrogar se ao lado do conteúdo das investigações históricas não é também o próprio vocabulário utilizado por Marx que sofre uma inflexão: no lugar das antigas expressões: “inevitável”, “absolutamente necessário”, “agente passivo e involuntário”, “instrumento inconsciente da história”, “o que importa isto frente a tais fatos ‘históricos-universais?’”, “do mesmo modo como as revoluções geológicas criaram a superfície da Terra”, “nada existe na história que não esteja a serviço, por um ou por outro caminho, do progresso humano”; parecem ocupar, agora, o

seu lugar: “*alternativa*”, “*possibilidade*”, “*estas duas soluções são possíveis a priori*”, “*o que põe em perigo [...] não é nenhuma fatalidade histórica*”

Passemos agora a ver como esta mudança na concepção da história encontra seus ecos na concepção de Emancipação humana.

2. DESENVOLVIMENTO DA INDIVIDUALIDADE E EMANCIPAÇÃO HUMANA.

Igualmente esclarecedor seria, aqui, investigar o aspecto associado à problemática da Emancipação humana em diferentes momentos da reflexão teórica de Marx.

Propomos, agora, a análise de duas diferentes abordagens sobre a relação entre o desenvolvimento da individualidade e da Emancipação humana, a primeira desenvolvida nos *Grundrisse* e a segunda nos rascunhos das cartas de Karl Marx a Vera Zasulich.

Em uma passagem decisiva dos *Grundrisse* sobre a questão da individualidade e as condições para seu pleno desenvolvimento, Marx observa:

As relações de dependência pessoal (no começo sobre uma base de todo natural) são as primeiras formas sociais nas quais a produtividade humana se desenvolve somente em um âmbito restrito e em locais isolados. A independência pessoal fundada na dependência com relação às coisas é a segunda forma importante na qual chega a constituir-se um sistema de metabolismo social geral, um sistema de relações universais e de capacidades universais. A livre individualidade fundada no desenvolvimento universal dos indivíduos e na subordinação de sua produtividade coletiva, social, como patrimônio social, constitui o terceiro estágio. O segundo cria as condições do terceiro. Tanto as condições patriarcais como as antigas (e também feudais) se desagregam com o desenvolvimento do comércio, do luxo, do dinheiro, do valor de troca, na mesma medida em que vai paralelamente crescendo a sociedade moderna. (MARX, 1980, 85).

Em outra passagem da mesma obra, Marx é igualmente enfático sobre o papel a ser empenhado pelo capitalismo na criação das referidas condições para o pleno desenvolvimento da personalidade:

Em sua aspiração incessante pela forma universal da riqueza, o capital impulsiona o trabalho além dos limites de sua necessidade natural e cria assim os elementos materiais para o desenvolvimento de uma rica individualidade, tão multilateral tanto na produção como no consumo, e cujo trabalho, portanto, não se apresenta já como trabalho, senão como desenvolvimento pleno da atividade mesma, na qual desapareceu a necessidade natural em sua forma direta, porque uma necessidade produzida historicamente substitui a natural. Por esta razão o capital é produtivo, ou seja, é uma relação essencial para o desenvolvimento das forças produtivas sociais. E só deixa de ser quando o desenvolvimento destas forças produtivas encontram um limite no próprio capital. (MARX, 1980, 266 - 267).

Por sua vez, em repetidas passagens de seus rascunhos de *Cartas a Vera Zasulich*, Marx efetua uma distinção entre a comuna rural russa e outras comunidades arcaicas, e observa que as características da primeira, permitiam a introdução de uma dialética entre o “individual” e o “social”, análise esta a que, apesar da sua riqueza de sugestões, nem sempre foi dada a devida atenção. Em seu primeiro rascunho observa:

Este tipo primitivo da produção coletiva ou cooperativa foi, está claro, consequência da debilidade do indivíduo isolado e não da socialização dos meios de produção.

É fácil compreender que o dualismo inerente à “comuna agrícola” pode dotá-la de uma vida vigorosa, porque por uma parte, a propriedade comum e todas as relações sociais que dela decorrem fazem firme sua base, ao mesmo tempo que a casa privada, o cultivo parcelário da terra laboral e a apropriação privada dos frutos admitem um desenvolvimento da individualidade, incompatível com as condições das comunidades mais primitivas. Porém não é menos evidente que o mesmo dualismo pode com o tempo converter-se em causa de sua decomposição. (MARX & ENGELS, 1980, 35 - 36).

E em outra passagem do mesmo manuscrito, afirma:

Sua forma constitutiva admite esta alternativa: ou o elemento de propriedade privada que implica triunfará sobre o elemento coletivo, ou este triunfará frente àquele. Tudo depende do meio histórico em que se encontre. (...). Estas duas soluções são possíveis *a priori*, mas para uma ou para outra é evidente que se requerem meios históricos completamente diferentes. (MARX & ENGELS, 1980, 37).¹⁰

Por fim, os escritos históricos de Marx sobre a Rússia, além de nos permitirem identificar a existência de uma importante mudança teórica, abrem igualmente diferentes possibilidades metodológicas que podem nos conduzir à elaboração de uma interpretação da obra de Marx que rompe com toda interpretação dogmática e fatalista do processo histórico. Isso torna-se ainda mais manifesto em sua oposição radical a toda tentativa de transformar a sua concepção materialista de história em uma filosofia da história.

Em sua carta à redação de *Otiechestviennie Zapiski*, Marx afirma:

A todo o custo, (o meu crítico) quer converter meu esboço histórico sobre as origens do capitalismo na Europa Ocidental em uma teoria histórico-filosófica sobre a trajetória geral a que se acham fatalmente submetidos todos os povos, quaisquer que sejam as circunstâncias históricas que nelas concorram, para chegar enfim naquela formação econômica que, a par do maior impulso das forças produtivas do trabalho social, assegura o desenvolvimento do homem em todos e cada

¹⁰ Marx retorna, ainda, a esta mesma questão em pelo menos duas passagens dos seus rascunhos: No seu segundo rascunho, p. 50: “Chego agora ao cerne da questão [...] o dualismo íntimo que, dadas certas condições, pode acarretar a sua ruína <sua dissolução>”. (MARX & ENGELS, 1980, 50) E no seu terceiro rascunho: “Quer isso dizer que o caminho da comuna agrícola deva fatalmente concluir assim? De maneira nenhuma. Seu dualismo inato, admite uma alternativa: seu elemento de propriedade triunfará sobre o elemento coletivo, ou este triunfará sobre aquele. Tudo depende do meio histórico em que se encontre inserido.” (MARX & ENGELS, 1980, 55)

um dos seus aspectos. (Isso me traz demasiada honra e, ao mesmo tempo, demasiado escárnio.) (MARX & ENGELS, 1980, 64 - 65).

E conclui algumas linhas abaixo:

Estudando cada um desses processos históricos separadamente e comparando-os logo entre si, facilmente encontraríamos a chave para explicar estes fenômenos, resultado que jamais lograríamos ao contrário, com a chave universal de uma teoria geral da filosofia da história, cuja maior vantagem reside precisamente no fato de ser uma teoria supra-histórica. (MARX & ENGELS, 1980, 65).

CONCLUSÃO

É importante lembrar que após anos de relativo esquecimento destes escritos no Brasil¹¹, eles vem sendo agora objeto de atenção e interesse. Em 2013, são publicados na coletânea *Luta de Classes na Rússia* (MARX & ENGELS, 2013), com uma introdução de Michael Löwy, que insere estes textos na “dialética romântico-revolucionária entre o passado e o presente” (MARX & ENGELS, 2013, 13) e destaca a sua importância para uma leitura de Marx não linear e evolucionista. (MARX & ENGELS, 2013, 9). Uma segunda tradução desses artigos, acompanhada de um conjunto de documentos e artigos reunidos por Teodor Shanin (2017). Por fim, Júlia Lemos Vieira (2014, 15-20) destacou o interesse desses escritos para uma crítica do reducionismo econômico.

Essas traduções e trabalhos representam uma importante ocasião para a retomada e o desenvolvimento de investigações desse importante momento da obra de Marx, momento esse sobre o qual o marxista italiano Cesare Luporini afirmou expressivamente:

(...) momento de máxima maturação da metodologia de Marx e de máxima flexibilidade de sua concepção histórica, momento no qual ele dissolve definitivamente qualquer equívoco desta concepção com uma filosofia da história ou teoria histórico-filosófica. (LUPORINI, 1981, 85).

¹¹ Uma primeira edição parcial da correspondência entre Marx e Engels e os russos foi publicada em 1982, por Rubens César Fernandes (1982) em sua coletânea *Dilemas do Socialismo*, baseada na grande antologia de textos sobre o populismo russo, organizada pelo filósofo polonês e historiador das ideias Andrzej Walicki.

BIBLIOGRAFIA

- BASSO, Lélío. *Socialismo y Revolución*. México, Sigloventiuno editores, 1983.
- BRATKIEWICZ, J., *Teoria Przedkapitalistycznej Formacji społecznej w Kulturach Orientalnych*, Wrocław: Ossolineum - PAN, 1989.
- DA COSTA NETO, Pedro Leão. Marx Tardío: Notas Introdutórias. In. *Revista Crítica Marxista*, n. 17, Campinas 2003. Disponível eletronicamente: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/critica17-A-costa.pdf (consultado 06/10/2016).
- DUSSEL, Enrique. *El ultimo Marx (1863-1882) y la liberación latinoamericana*. México: Sigloventiuno editores/IZTAPALAPA, 1990.
- FERNANDES, Rubens César (org.). *Dilemas do Socialismo. A controvérsia entre Marx, Engels e os Populistas Russos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- HOLÓWKA, Jacek. Implikacje późnych polemik politycznych Marksa (Implicações das polémicas políticas tardias de Marx). In. *Studia Filozoficzne*. N. 11-12, Varsóvia, 1985.
- KRADER, L., (org.), *Los Apuntes Etnológicos de Karl Marx*. Madrid: Sigloventiuno editores e Editorial Pablo Iglesias, 1988.
- LIEHM, Antonin. *Le Passé Présent Le Socialisme oriental face au monde moderne*. Paris: JCLattès, 1974.
- LUPORINI, Cesare. Crítica de la política y crítica de la economía política de Marx. In: MARRAMAO, Giacomo et al. *Teoria Marxista de la política*. México: Sigloventiuno editores, 1981.
- MARX, Carlos. *Futuros resultados de la dominación británica en la India*. In: MARX, Carlos e ENGELS, Federico. *Obras Escogidas I, Moscú*: Editorial Progreso, 1980.
- MARX, Carlos. Discurso pronunciado na festa do aniversário do *People's Paper*. In: MARX, Carlos e ENGELS, Federico. *Obras Escogidas I, Moscú*: Editorial Progreso, 1980.
- MARX, Karl. *Para a crítica da Economia Política*. In. MARX Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril, 1974.
- MARX, Karl. *Elementos Fundamentales para la Crítica de la Economía Política (Grundrisse) 1857-1858*, Madrid: Sigloventiuno editores, 11ª ed., 1980.
- MARX, Karl. *O Capital*. Crítica da Economia Política, Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl, Danielson, Nikolái F. & ENGELS, Friedrich (ARICÓ, José, Org). *Correspondencia (1868 – 1895)*, Mexico: Sigloventiuno editores, 1981.

MARX, K. e ENGELS, F. *Escritos sobre Rusia II: El Porvenir de la comuna Rural Rusa*, Mexico: Sigloventiuno editores, 1980.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *O Manifesto Comunista*, São Paulo: Boitempo, 1998.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Luta de Classes na Rússia*, São Paulo: Boitempo, 2013.

ROSDOLSKY, Roman. *Friedrich Engels y el problema de los pueblos sin historia: La cuestión de las nacionalidades en la revolución de 1848-1849 a la luz de Neue Rheinische Zeitung*. México, Sigloventiuno editores, 1980.

SASAKI, Ryuji e SAITO, Kohei. Il Marxismo Giapponese del Ventunesimo Secolo e la Rilettura di Marx attraverso la MEGA. In: FINESCHI, Roberto; RIVA, Tommaso Redolfi e SGRO', Giovanni. Karl Marx 2013. *Il Ponte* - Rivista di politica economia e cultura. Ano LXIX n. 5-6, Florença, 2013.

SCHAFF, Adam. *El Comunismo en la encrucijada*. Barcelona: Editorial Crítica, 1983.

SHANIN, T. (org.), *Marx Tardio e a via russa: Marx e as periferias do capitalismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

VIEIRA, Júlia Lemos. *A Dinâmica dos Fatores Estruturais em Marx*. Uma crítica às interpretações reducionistas econômicas. Goiânia: Kelps, 2014.

WADA, Haruki: Marx y la Rusia revolucionária, In: SHANIN, Teodor. (org.), *El Marx tardio y la via rusa: Marx y la periferia del capitalismo*, Madrid: Editorial Revolución, 1990.